

A cidade como local de representação: a força simbólica dos elementos urbanos ¹

Sergio Marilson KULAK²

Miguel Luiz CONTANI³

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

Resumo

Há uma classificação involuntária que o expectador da cidade faz do ambiente, por meio de representações que variam de acordo com o repertório sociocultural aliado aos usos e hábitos por ele aplicados a cada local. Este trabalho analisa o potencial de influência nessas representações pelo efeito visual de determinados elementos de Guarapuava que se configuram como símbolos da cidade a partir de sua forma, isto é, seu design. Além disso, o ensaio mostra como estes signos se tonam representações, emanando conceitos que lhes garantem o título de símbolos urbanos, fazendo com que estes sejam diretamente associados à imagem da cidade por um processo de semiose. Para tanto, a pesquisa se vale dos conceitos de semiótica urbana e dos estudos sobre as manifestações da imagem da cidade a partir de Lucrécia D'Alessio Ferrara, Kevin Lynch e Massimo Canevacci.

Palavras-chave: imagem; símbolo; semiótica urbana; Guarapuava.

1. Introdução

As manifestações que ocorrem no cotidiano da cidade emanam os mais variados sentidos e sensações, elementos com os quais os habitantes irão inevitavelmente constituir seus afetos, rejeições, vínculos, apegos, confortos, fascínio, aproximação e afastamento, ao formar e dar solidez à representação sobre a ambiência urbana que faz parte de sua vida. As construções que povoam o imaginário coletivo nas ruas, praças, calçadas e avenidas são carregadas de sentidos que, em muitos casos, passam a simbolizar não só os lugares com que o indivíduo possui uma relação direta, como a casa e o trabalho, mas também aqueles que se constituem como elementos referenciais de suas interações com a cidade.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), e-mail: sergiokulak@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), e-mail: contani@sercomtel.com.br

Os atributos que dão corpo essa simbolização do ambiente são multifários, o que ocasiona uma polifonia do lugar. Desse modo, pode-se estabelecer um sentido a um ambiente, qualificando-o como lugar, tanto por seu cheiro característico, por seus sons, como também por sua visualidade. Elementos que possuem um caráter visual exótico destacam-se por seu design e se tornam signos extremamente repletos de conteúdo.

Este ensaio visa avaliar determinados elementos da cidade que se converteram em símbolos ao conotar sentidos que transcendem seus significados originais, emanando diferentes representações a partir de sua qualidade visual. Para tanto, serão avaliados elementos pertencentes à cidade de Guarapuava, Paraná, sob o viés antropológico e os sentidos que eles transmitem à população, sendo convertidos em símbolos da cidade. A base teórica do ensaio são os estudos sobre a cidade e imagem ambiental de Kevin Lynch, além das pesquisas antropológicas sobre a cidade e a sua comunicação visual, de Lucrécia D’Alessio Ferrara e Massimo Canevacci, e que trazem estudos acerca da visualidade e da representação construída a partir da imagem da cidade.

A metodologia adotada para o estudo é a fenomenológica. Será abordada, ainda, a noção de simbolização, que corrobora no processo de representação da imagem da cidade, fazendo com que determinados ambientes projetem sentidos latentes pela sua história e os usos e hábitos já aplicados sobre eles. O estudo se caracteriza também por ser de caráter exploratório. A base da metodologia se concentra nas pesquisas bibliográfica e documental, uma vez que os conceitos da imagem da cidade serão aplicados sobre fotografias dos espaços urbanos a serem analisados. A escolha da fotografia justifica-se pelo fato de que ela “pode ser o ponto de partida de uma reflexão antropológica ou o resultado dessa reflexão. [...] Ela descreve, representa ou até mesmo interpreta tudo o que pode ser visto” (GURAN, 2011, p.80).

As representações na cidade

As cidades são constituídas de inúmeros signos que se distribuem em suas vias, praças, prédios e habitações, entre outros. Os elementos que integram o ambiente urbano se caracterizam tanto por suas qualidades visuais como também por aquelas táteis, sonoras, olfativas ou cinéticas, o que possibilita que cada espaço apresente uma capacidade de representação.

A cidade é um local de representação. Para Pierce (CP: 2.228), representar algo é se vale ao ponto em que “dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido”. São as características presentes na cidade que garantem a identidade do lugar e o seu poder de significação, que pode variar em diferentes intensidades.

Haja vista que a cidade é uma construção no espaço, cada cidadão construirá cotidianamente uma relação com ela a partir de sua vivência e das informações urbanas com as quais ele dispõe, estabelecendo associações e, assim, impregnando-as de significados, ou seja, cada pessoa irá criar algum tipo de relação com o ambiente que culminará em uma representação, em uma imagem urbana. Entretanto, essa imagem “não é estanque ou rígida, mas é flagrada num processo fluido, dinâmico e seletivo: apreende-se, capta-se essa representação a partir do repertório individual ou coletivo” (FERRARA, 1993, p.71-72).

No território urbano, o corpo do sujeito e o corpo da cidade formam um, estando o corpo do sujeito atado ao corpo da cidade, de tal modo que o destino de um não se separa do destino de outro. Em suas inúmeras e variadas dimensões: material, cultural, econômica, histórica etc. O corpo social e o corpo urbano formam um só. Para nossa época, a cidade é uma realidade que se impõe com toda sua força. Nada pode ser pensado sem a cidade como pano de fundo. Todas as determinações que definem um espaço, um sujeito, uma vida cruzam-se no espaço da cidade. (ORLANDI, 2004, p.11)

Para Canevacci (1997, p.35), “compreender a cidade significa colher fragmentos. E lançar sobre eles estranhas pontes, por intermédio das quais seja possível encontrar uma pluralidade de significados”. Segundo ele, o cidadão não apenas vive na cidade como também é vivido por ela. A relação que se desenvolve com o ambiente ocorre a partir de suas manifestações. O indivíduo vive a cidade em suas transformações e a consome por intermédio da experiência.

Nesta perspectiva, um dos principais modos de consumo se dá pelo aspecto visual. De acordo com Lynch (1999, p.51), “a cidade é uma sobreposição de imagens individuais” e cada pessoa inserida nela irá desenvolver uma imagem do ambiente partindo de sua percepção, criando o que ele chama de “imaginabilidade” do lugar, ou seja, o indivíduo concebe uma imagem mental de um determinado ambiente a partir das características deste espaço físico, especialmente as visuais, que servirão como índices para o reconhecimento do local e auxiliarão na sua própria localização. “A imagem mental que gravamos da cidade concentra-se um requisito básico: a sua qualidade visual” (FERRARA,

1993, p. 252). Com isso, as formas presente nas residências, vias, praças, e prédios, entre outros, servirão como âncora na memória do observador. A partir da imagem do elemento físico são acessadas mentalmente determinadas informações, como um processo de simbolização, que age em semiose.

A cidade é o lugar do olhar. Por esse motivo a comunicação visual se torna o seu traço característico. [...] A comunicação é a viagem da diferença que contém o sentido da informação. A comunicação urbana exacerba essas diferenças, multiplica-as, fá-las coexistir, e entrar em conflito. (CANEVACCI, 1997, p.43)

A construção da imagem ambiental é fundamental para a experiência do ser humano na sociedade. Ela se constitui por intermédio da vivência cotidiana do indivíduo. De acordo com Lynch (1999, p.7), a imagem ambiental é um produto “de um processo bilateral entre observador e seu ambiente, O observador seleciona, organiza e confere significado àquilo que vê. Assim, a imagem varia de acordo com cada observador”. A representação urbana irá se caracterizar quando o sujeito interpretante “for capaz de produzir sobre os signos que povoam a cidade, um juízo perceptivo que o encaminhe para uma ação crítica e interveniente sobre o urbano” (FERRARA, 1993, p.260).

Para Lynch (1999), a imagem ambiental é formada a partir de três fatores: a) identidade: aquela que garantirá a unicidade do lugar; b) estrutura: aquela que se refere a sua relação físico-espacial; e c) significado: aquele que simboliza o ambiente e, somente então, este passa a representar algo para alguém. No entanto, em razão do alto grau de interatividade entre as pessoas e o ambiente, os significados podem ser formados e reformulados continuamente com base em uma mesma imagem ambiental, ou seja, a cidade e seus ambientes podem assumir novos tipos de representação com o tempo, uma vez que ela vive em um processo de transformação contínuo e, com isso, as mutações do espaço passam a conceber novas representações.

Nesta perspectiva é que se inserem os elementos visuais. A fim de que um ambiente possa ter sua própria significação, é necessário, antes, possuir seu substrato físico para significá-lo, metaforicamente falando, em uma espécie de corpo para a alma, isto é, as composições imagéticas do ambiente são aquelas que garantem a sua riqueza de simbolização, pois lhe garantem a qualidade de lugar.

Símbolos de cidade: a representação nas visualidades do ambiente londrinense

As cidades são constituídas por diferentes elementos como vias, edifícios, residências, etc., que compõe a estrutura chamada “contexto urbano. O contexto contribui para o significado da cidade e toda mudança do contexto, implica alteração daquele significado” (FERRARA, 1986, p. 119). Ao se pensar o ambiente urbano, evidencia-se que estes elementos se inter-relacionam, possibilitando a assimilação da cidade como unidade, em uma percepção global e contínua. “Entendida como unidade de percepção, a cidade não é mais um dado, mas um processo contextual onde tudo é signo, linguagem” (idem, p.119).

Cada elemento pode alcançar uma significação própria, ou seja, passar a significar de forma independente, isolada de seu contexto urbano. Isso acontece, corriqueiramente, graças à ampla capacidade comunicacional das formas pertencentes a estas estruturas, isto é, seu design.

O design dos elementos urbanos faz com que estes se tornem símbolos, ou seja, um signo que mantém uma relação viva com seu objeto. Para Lúcia Santaella (2007), o signo simbólico necessita de um hábito para que seja consumido efetivamente. Os hábitos seriam regras gerais às quais os organismos se submetem. “O hábito que o símbolo aciona na mente do intérprete implica em uma disposição para agir de um determinado modo sob certas circunstâncias” (SANTAELLA, 2007, p.135). Desse modo, o símbolo necessita antes estar diretamente ligado ao seu objeto, em uma espécie de conexão, o que fará com que ele requeira, também, um índice. “O índice é essencialmente um caso do aqui e agora, seu ofício sendo o de trazer o pensamento para uma experiência particular ou uma série de experiências conectadas por relações dinâmicas” (PEIRCE *apud* SANTAELLA, 2007, p.137). Entretanto, o índice não poderá significar sozinho, isso faz com que o símbolo precise também de um ícone que apresente uma fração simbólica. De acordo com Santaella (2007, p.139), a “parte-símbolo, Peirce chamou de conceito; a parte ícone, ele chamou de ideia geral”. Nesta perspectiva, Massimo Canevacci (1997, p.139) afirma que “o objeto não será nunca representável a partir dele próprio, mas sempre a partir de uma passagem de nível lógico, que é também uma passagem de nível comunicativo”. Para o autor, é esta passagem que se insere no mapa de uma cidade.

Deste modo, aplicando o conceito do símbolo aos elementos da cidade, é possível notar que estes são parte ícone, uma vez mantém uma estrutura visual acessada por diferentes expectadores. A parcela referente ao índice será aquela que acionará o

significado do elemento à concepção constituída pelos hábitos aplicados a ele, formando o símbolo urbano.

Sabe-se que os signos do ambiente urbano apresentam motivações a certas significações, que resulta no caráter simbólico do elemento, ou seja, o signo emanará sentidos já estabelecidos a partir de seu consumo. O design das estruturas presentes na cidade, conhecida por todos como arquitetura, afirma essa convenção. De acordo com Diana Agrest e Mario Gandelsonas (2006, p.136), “um objeto arquitetônico é percebido como tal não porque tenha determinado significado inerente que é “natural”, mas porque o sentido que lhe foi atribuído é fruto de uma convenção cultural”. Neste sentido, os autores se valem de uma fala do pesquisador Charles Jencks: “esta talvez seja a ideia mais fundamental da semiologia e do significado na arquitetura: que toda forma num ambiente, ou todo signo numa linguagem, é motivada, ou suscetível de ser motivada” (idem, p.136). Segundo Geoffrey Broadbent (2006, p.144) “goste-se ou não, todos os edifícios simbolizam ou, pelo menos, “são portadores” de significados”. Desta maneira, é possível notar como a arquitetura opera por meio da significação em suas estruturas, os elementos são elaborados como signos simbólicos que tendem a emanar determinados sentidos. A visualidade de cada construção tende a produzir mais ou menos significados, os usos e hábitos feitos da dela é que farão com que determinados sentidos tornem-se mais ou menos latentes.

Para Ferrara (2002, p.105) “a passagem do puro conceito à exploração icônica nos leva ao próprio processo de reprodução do significado, que parte de uma visualidade para atingir a dinâmica cognitiva da visibilidade”. A autora sustenta a ideia de que os elementos urbanos vão além de elementos visuais simplórios, mas, ao contrário, são formas que passam a ter significação quando são vividos pelas pessoas, isto é, passam a ter uma representação que extrapola a relação apenas de imagem ambiental. Ela adquire um significado e passa da visualidade, que é a simples constatação visual, para a visibilidade, tornando-se uma reflexão do dado visual, que se transforma em um fluxo cognitivo.

Um exemplo que mantém um forte elo simbólico com Guarapuava é a Catedral Diocesana Nossa Senhora de Belém (Figura 1). Com traços característicos do século XIX, a estrutura é uma das construções mais antigas da cidade e mantém um amplo caráter significativo.

Figura 1: Catedral Diocesana Nossa Senhora de Belém, Guarapuava – PR.



Fonte: www.panoramio.com/photo/25941859. Fotografia: Vicente Queiroz.

A edificação apresenta formas tradicionais, remetendo ao passado da cidade. Mesmo a torre da Catedral, construída posteriormente, em meados do século XX, buscou os signos que a conectassem com a estrutura antiga. A visibilidade do prédio se difere do contexto ao qual ele está inserido, isso se intensifica também pelo fato de ocupar um quarteirão inteiro e estar posicionado em frente a uma praça, o que diminui os ruídos na comunicação visual da estrutura.

A significação da catedral se faz um elo tão vivo, que ela foi escolhida para simbolizar o aniversário de 200 anos da transformação de Guarapuava em vila, sendo vetorizada e colocada como o principal elemento significativo do selo de comemoração (Figura 2) da data, lançado em 2010 pela Prefeitura Municipal da cidade.

Figura 2: Selo comemorativo dos 200 anos de Guarapuava.



Fonte: www.redesuldenoticias.com.br.

O formato tradicional e conservador da antiga Catedral garante a edificação uma ligação intensa com os guarapuavanos, uma vez que ela passa a ser um forte signo da região na qual está localizada. A Catedral Diocesana emana sentidos diferenciados pelo seu design, sua visualidade gera processos que atuam em semiose sobre os cidadãos, resultando em uma comunicação objetivada que transforma-se em visibilidade. Os usos e hábitos aplicados sobre o prédio fez com que ele se tornasse um símbolo associativo à própria cidade. Por meio do contraste de suas formas a edificação é consumida de modo mais intenso.

Devido a esse consumo imagético, a estrutura torna-se um símbolo não só da cidade de Guarapuava, como também da cultura guarapuavana, pois as representações que os cidadãos estabelecem com a construção se moldam a partir dos usos e hábitos que são aplicados a ele e, conseqüentemente, se incorpora a própria cultura. Por exemplo, o cidadão não necessita utilizar os serviços da Catedral, entretanto, ele pode passar em frente a sua fachada diariamente, dessa forma, a construção se torna um roteiro efetivo da imagem ambiental que o transeunte elabora para se locomover. Com isso, a Catedral Diocesana Nossa Senhora de Belém recebe diferentes representações dos observadores, sejam eles católicos ou não. Mas o signo sempre será remetido a um signo de Guarapuava, resultando em um símbolo arquitetônico da cidade, pois, “no caso da representação simbólica, o objeto é uma referência do símbolo e está temporariamente delimitado pelo significado que a História lhe concedeu” (FERRARA, 2002, p.106).

Do mesmo modo temos a Casa do Imigrante, que abrigou inclusive a Secretaria de Turismo do município. A história lhe transformou em patrimônio cultural da cidade, os usos e hábitos geridos a ela fez com que a antiga casa em madeira fosse a representação de todo um povo que rumou ao centro-sul do Paraná em busca de vida próspera. Mais que uma arquitetura privilegiada, a Casa do Imigrante se incorporou ao cotidiano da cidade, e hoje é símbolo que atrai diversos turistas, sendo escolhida, inclusive, como residência oficial do Papai Noel nas encenações natalinas. Novamente, o consumo dado a este elemento fez com que ele conotasse novos sentidos, que se incorporaram no imaginário local.

De todo modo, tendo em vista que “o espaço é uma categoria mutável na história do tempo” (FERRARA, 2002, p.118) os cidadãos geram novas significações constantemente e, sempre, a partir de seus usos e hábitos. Ainda que seja um importante elemento da história do município, devido sua arquitetura diferenciada, a estrutura pode servir como marco referencial ou outro elemento da imagem ambiental construída pelos

londrinenses. Ainda assim, aos que já se depararam com a construção, ao vê-la, seja por meio de uma imagem fotográfica, televisiva, entre outras, é impossível não associá-la à cidade, pois, a história e sua forte significação fizeram com que o prédio se tornasse um símbolo da cidade. Para os mais novos, por exemplo, ela pode significar apenas a casa do bom velhinho, enquanto para os mais antigos, uma jornada de vida advinda da imigração para o Brasil, mais especificamente, para Guarapuava.

Figura 3a e 3b: Casa do Imigrante em sua aparência cotidiana, e enfeitada para o natal.



Fonte Figura 3a: www.flickr.com/photos/ulysalis/5080573429. Fotografia: André U.de Salis.

Fonte Figura 3b: <http://www.redesuldenoticias.com.br/noticia.aspx?id=39525>. Fotografia: Comunicação da Prefeitura Municipal de Guarapuava.

Os parques da cidade também apresentam um caráter simbólico significativo. Para o presente estudo são selecionados dois deles: O Parque do Lago e a Lagoa das Lágrimas. O Parque do Lago (Figura 4) é um dos principais atrativos turísticos da cidade, e apresenta grande beleza natural entre elementos construídos pelo homem. Em julho de 2013, quando a cidade foi atingida por uma nevasca, assim como outros municípios do sul do Brasil, este foi o principal elemento fotografado para o registro daquela ocasião, atípica na cidade. Já em 2014, ao invés de uma nova nevasca, o Parque do Lago foi presenteado com uma significativa florada de suas cerejeiras. Em ambos os momentos, mesmo que recentes já se mostram históricos para o município, a recepção e projeção das representações alcançadas pelos usuários do espaço urbano sofreram determinadas alterações. Isso se evidencia quando avaliadas as diversas fotografias compartilhadas nas redes sociais nos dois períodos, o que antes era apenas um parque comum, ganhou tamanha beleza com a neve e, posteriormente, foi presenteado novamente, mas dessa vez com as flores que coloriram todo o seu espaço.

Figura 4a e 4b: Parque do Lago



Fonte: www.facebook.com. Fotografias: Fábio Dibas.

Com a renovação dos índices deste ambiente, foi possível notar uma nova relação do usuário com aquele espaço, constituindo novos modos de representação e reafirmando o caráter mutável do símbolo urbano, que se renova a partir de seus usos e hábitos. A renovação imagética de um símbolo tão expressivo na cidade vem afirmar a capacidade que o design tem de se comunicar e a emanar sentidos.

Como signos do espaço social, os índices representam hábitos, usos, valores, expectativas que levaram os usuários a marcar sua intervenção no espaço de determinado maneira; os índices são interpretações geradas na dimensão interna dos signos do espaço social, são marcas que significam o modo como o usuário se relaciona com o espaço social, o seu modo específico de vida. (FERRARA, 1993, p.240-241).

Por fim, têm-se a Lagoa das Lágrimas. Importante símbolo da história local, localiza-se na região da central e é um marco notável na composição do ambiente guarapuavano. O parque da Lagoa das Lágrimas é composto pela lagoa delimitada por calçadas que compõe um formato repleto de curvas, o parque se apresenta muito arborizada com diversos bancos, brinquedos infantis e equipamentos de academia ao ar livre. O interessante neste espaço, é que ele é bastante antigo, o que faz com que a maioria dos habitantes do município tenham tido relações diretas com o ambiente em diferentes momentos de suas vidas.

Figura 5a e 5b: Vista aérea Lagoa das Lágrimas na década de 60 e atualmente.



Fonte Figura 5a: www.facebook.com/guarapuavahistorica. Sem créditos do fotógrafo.

Fonte Figura 5b: Acervo on-line da Prefeitura Municipal de Guarapuava. Sem créditos do fotógrafo.

Valendo-se dessa relação tão intrínseca deste elemento urbano, a Prefeitura Municipal de Guarapuava se valeu dos índices presentes neste elemento urbano para compor o próprio logotipo da gestão 2012-2016 (figura 6). A agência que desenvolveu a peça se valeu das curvas da lagoa para ilustrar um dia de sol junto ao símbolo do infinito, aplicando o próprio logotipo sobre a imagem da Lagoa das Lágrimas (figura 7). Por meio de um símbolo urbano, a prefeitura da cidade elaborou outro símbolo, sendo ambos repletos de significados, que se moldam a partir da relação individual de cada um com o ambiente e com o elemento originário deste lugar.

Figura 6: Logotipo da atual gestão municipal.



Fonte: Agência Hey! Comunicação e Mkt.

Figura 7: Logotipo da atual gestão municipal sobre a Lagoa das Lágrimas.



Fonte: Agência Hey! Comunicação e Mkt.

O estudo buscou elucidar como as formas de representação de determinados elementos urbanos podem variar em níveis simbólicos e tornar-se signos que emanam diferentes sentidos a partir de seus usos e hábitos. O trabalho mostrou algumas das principais estruturas arquitetônicas de Guarapuava, contudo, a cidade apresenta tamanha riqueza visual, que um ensaio seria pouco para analisar todos os elementos urbanos que marcam a história e a cultura guarapuavana, principalmente por seus designs que variam entre o moderno e o clássico, como nos casos do Edifício Araucária, do Parque Recreativo do Jordão, do Trevo do Índio, da estátua do Tenente Coronel Diogo Pinto de Azevedo Portugal, do Salto São Francisco, do Fortim Atalaia e do Museu Municipal Visconde de Guarapuava, entre diversos outros.

Considerações finais

A cidade fala através de seus signos que se dissipam por entre suas vias, marcos, avenidas, parques, vitrines, prédios, entre diversos outros elementos do ambiente urbano. A cidade é “um processo contextual onde tudo é signo” (D’ALESSIO FERRARA, 1986, p.120). Ela é um “sistema comunicativo” (CANEVACCI, 1997, p.81). Seus signos se expressam por si próprios e, muitos deles, de uma forma especial, de modo simbólico.

Os símbolos urbanos exibem meios distintos de representar, se observados pacientemente, com suavidade e se forem vividos de modo intenso, os símbolos urbanos passam a significar muito mais do que em um primeiro momento, passando a ser mais do que apenas um elemento visual do ambiente urbano. Alguns destes símbolos destacam-se

intensamente diante dos elementos que os envolvem, isso acontece devido às qualidades apresentadas por eles, principalmente, as visuais.

Os casos avaliados neste estudo são parte dos símbolos do ambiente urbano de Guarapuava. Por intermédio deles, é possível notar que os signos exprimem contextos diversificados em diversas formas de significação e que, acima de tudo, são geradas doravante os usos e hábitos aplicados a eles pelas pessoas em geral, habitantes daquele ambiente ou não.

Pode-se concluir que aquilo que se observa com base nos signos urbanos, é que seu design tem muito a contar. Ele gera sentidos, faz com que o ser humano produza significação a determinadas matérias estáticas ao invés de outras. O design transforma o contexto urbano, o ambiente passa a ter novas interpretações. Ele faz de um simples espaço, um local repleto de conteúdos, sentidos, qualidades, transformando um ambiente em um lugar. O design urbano auxilia o homem no processo de domínio da linguagem da cidade. Através dele o ser humano capta os sinais do ambiente para poder habitá-lo de forma plena, ou seja, com representações bem elaboradas e de significações categóricas. Os símbolos da cidade afirmam a importância do design em nossa sociedade contemporânea, uma vez que ilustram a forma como vivemos, enquanto nos conduz a vivermos de determinadas formas.

Referências

AGREST, Diana; GANDELSONAS, Mario. Semiótica e Arquitetura: consumo ideológico ou trabalho teórico. In: NESBITT, Kate (Org.). *Uma nova agenda para a arquitetura*. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

BROADBENT, Geoffrey. Um guia pessoal descomplicado da teoria dos signos na arquitetura. In: NESBITT, Kate (Org.). *Uma nova agenda para a arquitetura*. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. *A estratégia dos signos: linguagem, espaço, ambiente urbano*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

_____. *Design em espaços*. São Paulo: Rosari, 2002.

_____. *Olhar periférico*. São Paulo: Edusp, 1993.

GURAN, Milton. *Considerações sobre a constituição e a utilização de um corpus fotográfico na pesquisa antropológica*. Discursos Fotográficos. Londrina, v.7, n.10, p.77-106, jan./jun.2011.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli (Org.). *Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano*. Campinas: Pontes, 2001.

_____. *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2004.

ROMANINI, Vinícius. *Design como comunicação: uma abordagem semiótica*. In: Design: Quo Vadis? I Seminário do Curso de Design da FAUUSP, 2011, São Paulo. *Anais...* São Paulo: FAUUSP, 2011. v.1. p. 75-80.

SANTAELLA, Lúcia. O que é símbolo. In: QUEIROZ, João; LOULA, Ângelo; GUDWIN, Ricardo (Orgs.). *Computação, cognição e semiose*. Salvador: EDUFBA, 2007.